

## Área Temática 14:

Linguagem e Surdez

### A mediação dialético-pedagógica na interpretação educacional: uma perspectiva vygotskyana

Autores: Cyntia Moraes Teixeira <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> IFSP - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de SP

**Resumo:** O presente trabalho é uma pesquisa em andamento, que tem como objetivo realizar uma análise descritiva do modus operandi dos tradutores intérpretes de Libras (Língua Brasileira de Sinais) em contextos escolares, identificando a qualidade e os tipos de mediações que estão presentes no ato da interpretação educacional e que acabam por constituir uma ação mediada cuja tríade de interação se dá entre professor/ aluno/ intérprete educacional ou professor/ intérprete educacional/ aluno. Tendo como hipótese inicial que o contexto escolar emerge como espaço por excelência de uma interação e comunicação na qual os intérpretes de libras assumem posição de mediadores do processo de aprendizagem, bem como do processo de produção dos sentidos sobre o mundo. Para compreender e, ao mesmo tempo, fundamentar o papel da interpretação de língua de sinais no universo escolar, Lacerda (2002 e 2009); Kelman (2005); Rosa (2005); Quadros (2006); Tuxi (2009); Martins (2009) e Santos (2014) posicionam dialogicamente o intérprete de libras delimitando seu papel em sala de aula como distinto da posição pedagógica assumida pelo professor, embora reconhecendo que as delimitações desses espaços de atuação nunca se deram de modo a dar conta dessas fronteiras de interação. Santiago (2013) suscita que há um processo intenso de negociação no qual o intérprete é apenas um elo da cadeia enunciativa-discursiva, sendo que ele compreende e é compreendido na interação. Dessa forma, para constituir esse processo é necessário que esse agente não seja apenas um interlocutor que reelabora o discurso, mas neste processo cognitivo também aja como o mediador agente da ação pedagógica.

**Palavras-chave:** Intérprete educacional, Libras, mediação da aprendizagem

### Avaliação do treinamento auditivo em idosos usuários de AASI com distúrbio do processamento auditivo central

Autores: Liliane Ramone <sup>1</sup>, Lucila de França Martins Oliveira <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFU - Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo:** Idosos usuários de aparelho de amplificação sonora individual (AASI) queixam-se de dificuldade de compreensão podendo abandonar tratamento. OBJETIVO: Avaliar o treinamento auditivo em pacientes idosos usuários de AASI com Perda Auditiva Neurosensorial (PAN) e queixa de dificuldade de compreensão. METODOLOGIA: 17 idosos (63 a 93 anos), com queixa de compreensão. Critérios de inclusão: usuários de AASI com PAN bilateral leve a moderada, IPRF maior ou igual a 70%, Mini Mental normal. 10 pacientes foram excluídos: 6 se recusaram, 3 não retornaram, 4 falharam no Teste Mini Mental, 2 apresentaram perda assimétrica e 1 respostas inconsistentes. Foi realizada avaliação do Processamento Auditivo Central (PAC) com testes: Localização sonora (TLS), Memória Sequencial para sons verbais (TMSV) e Memória Sequencial para sons não verbais (TMSNV), Teste Padrão Frequência (TPF) e Teste Padrão Duração (TPD)(Musiek,1997). Utilizamos: um audiômetro AC40 Interacoustics, computador com cabo acoplado para entrada de áudio, protocolo PAC Pereira (2010). Participantes com teste alterado foram submetidos ao treinamento auditivo com 7 sessões de 50 minutos e reavaliados. RESULTADOS: A avaliação demonstrou no TLS 86% dos testes alterados, 28% no TMSV 0%, no TMSNV, 14% no TPF e 29% no TPD. Após treinamento a reavaliação apontou melhora na maioria dos testes. No TLS houve redução para 71% de alteração dos testes, no TMSV e TMSNV o índice foi mantido. O TPF manteve o índice de erro, porém houve aumento dos scores na maioria dos participantes. O TPD apontou redução de erros para 14% dos participantes e aumento de scores individuais. Conclusão: o dpac pode estar associado a dificuldade de compreensão da linguagem e dificuldade de adaptação de AASI em idosos. As habilidades mais alteradas foram a localização sonora e memória sequencial verbal. O processamento temporal (frequência e duração) apesar de normal na maioria dos participantes apontou aumento de score ao final do treinamento.

**Palavras-chave:** perda auditiva, idoso, Processamento Auditivo Central

## Expressões não manuais boca na libras

Autores: Mirella de Oliveira Pena Araújo<sup>1</sup>, Aline Gracia Rodero Takahira<sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UFJF - Universidade Federal Juiz de Fora

**Resumo:** Um estudo recente (Rodero-Takahira, 2015) mostrou que há três tipos de expressões não-manuais (ENM) boca na libras, nomeadamente, mouthings (movimentos de boca externos às línguas de sinais, cf. também Sutton-Spence e Boyes-Braem, 2001), morfemas boca (movimentos de boca internos às línguas de sinais, cf. também Bickford e Fraychineaud, 2008; e Pêgo, 2013), e sinais boca (sinais realizados por lábios, língua e bochechas). A autora discute o valor gramatical dos dois primeiros e o valor lexical do último. Este trabalho visa discutir o estatuto desses três tipos de ENM boca na libras e verificar a produtividade do último tipo, os sinais boca. Dois exemplos de sinais boca apresentados em Rodero-Takahira (2015) são SEXOb, que aparece em compostos simultâneos como SEXOb||VIAJAR “lua de mel”, e ROUBARb, que aparece em compostos simultâneos como ROUBARb||DISFARÇARmde “roubar escondido”. Duas questões se colocam: a) qual a diferença entre esses três usos da ENM boca na libras?; e, b) qual a produtividade dos sinais boca na libras? Iniciamos uma pesquisa detalhada sobre mais exemplos das ENM boca da libras em Capovilla, Raphael e Leite (2013). Além disso, pesquisamos gravações realizadas e divulgadas por surdos através do Youtube e a coleta de dados de Rodero-Takahira (2015). Observamos que não há muitos tipos de sinais boca. Além dos dois sinais já apontados, outro possível sinal boca que encontramos foi o sinal não-manual para NÃO-ENTENDER, realizado por uma expressão conjunta de lábios, olhos, sobrancelhas e balanço de cabeça. Com esta pesquisa, buscamos mostrar os diferentes usos do articulador não-manual boca na libras e salientar seus diferentes estatutos gramaticais e lexical. Assim, registramos o valor da ENM boca na libras, ressaltando os tipos de sinais boca que figuram em diversas construções e colaboramos para a descrição da libras e para pesquisas futuras sobre a morfossintaxe dessa língua.

**Palavras-chave:** Expressão não-manual, sinal boca, morfema boca, Mouthing, Libras

## Língua Portuguesa como L2: um estudo de caso com alunos do Ensino Fundamental

Autores: Thaís Fernandes de Amorim<sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UFRA - Universidade Federal Rural da Amazônia

**Resumo:** Este estudo é resultado de um trabalho desenvolvido com alunos surdos do Ensino Fundamental, a partir da proposta de Educação Bilíngue –Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa escrita (L2). Neste sentido, buscamos nas discussões teóricas acerca de bilinguismo, identidade e estabelecimento de sentidos apresentadas por Fernandes (1999), Quadros (1997), Karnopp (2005), Skliar (2000), bem como na contribuição da Análise do Discurso de Mainueneau (1996) e aquisição de língua por meio de gêneros textuais e discursivos Bazerman (2006), Bonini (2002) e Dolz e Schneuwly (2004), uma luz às nossas inquietações acerca dos sentidos estabelecidos na aprendizagem da Língua Portuguesa a partir da Libras, posto que alunos tem chegado ao 9º ano do Ensino Fundamental ainda sem dominar sua língua materna , bem como a leitura e escrita da Língua Portuguesa. Foi identificado inclusive que alguns deles não sabiam identificar seu próprio nome em um texto, somente isoladamente. Na tentativa de sanar alguns desses entraves, antes de partimos para a leitura de textos escritos, propomos algumas sequências didáticas que buscassem o uso da Libras para aquisição de sentidos, por meio da descrição da rotina diária dos alunos, tais como em hábitos alimentares, uso de transporte e lugares públicos, falar de suas preferências (passar no shopping, acessar o facebook, whatsapp) e aquisição de alguns conteúdos básicos como as horas do dia e classes de palavras da Língua Portuguesa. Priorizamos sequências didáticas com imagens verbais e não verbais, nas quais os alunos pudessem fazer uso da sua língua materna para se posicionarem frente aos propósitos comunicativos de cada gênero textual trabalhado e a partir desses gêneros não somente identificar as classes de palavras da língua portuguesa, mas compreender o texto como um todo, forma e conteúdo, palavras e sentidos estabelecidos entre autor e leitor deste texto.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa, LIBRAS, Língua Estrangeira

## O papel do movimento na Língua Brasileira de Sinais: uma revisão

Autores: Eberson dos Santos Sarmiento<sup>1</sup>, Marília Uchoa Cavalcanti Lott de Moraes Costa<sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo revisar o papel do movimento na língua brasileira de sinais (Libras). O movimento é descrito como um parâmetro fonológico desde a primeira teoria sobre línguas de

sinais (STOKOE, 1960). Movimento é descrito quanto a seu tipo, direcionalidade, maneira e frequência (QUADROS & KARNOPP, 2004). Porém, o movimento carrega marcas gramaticais em outros níveis como a prosódia e a sintaxe (BRENTARI, 2002). Em Lucas et al (2001), os autores apresentam o movimento como responsável por marcar aspecto em ASL, observamos essa possibilidade também em Libras. Há também categoria gramatical marcada com movimento através de reduplicação, por exemplo. Este trabalho sintetiza o que já foi reportado na descrição gramatical da Libras e propõe alguns exemplos que se encaixam nas propostas existentes. BRENTARI, D. Modality Differences in Sign Language Phonology and Morphophonemics In: Modality and structure in signed and spoken languages ed. Richard P. Meier, R. P., Cormier, K. e Quinto-Pozos, D. Cambridge University Press, 2002. LUCAS, C., BAYLEY, R. e VALLI, C. Sociolinguistic Variation; In: American Sign Language, Gallaudet University Press, Washington, D.C., 2001. QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. ArtMed: Porto Alegre, 2004. STOKOE, W. C. Sign language structure: An outline of the visual communication systems of the American Deaf, Studies in Linguistics, Occasional Papers 8. Available from Silver Spring, MD: Linstok Press, 1960.

**Palavras-chave:** Libras, Marcas Gramaticais, Movimento

## Posse predicativa em línguas orais e de sinais

Autores: Paulo Jeferson Pilar Araújo <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRR - Universidade Federal de Roraima, <sup>2</sup> UFRR - Universidade Federal de Roraima

**Resumo:** Há diversos trabalhos de cunho tipológico sobre posse predicativa nas línguas (orais) do mundo (Heine, 1997; Stassen, 2009; Aikhenvald; Dixon, 2013), enquanto existe um trabalho de fôlego voltado para a tipologia de possessivos para as línguas de sinais (Zeshan; Perniss, 2008). Considerando que este último trabalho pauta-se fortemente na tipologia de Heine (1997), discute-se a possibilidade de investigar os debates sobre construções possessivas em línguas orais e línguas de sinais tomando uma abordagem cognitivista, nomeadamente a da Gramática Cognitiva (Langacker, 2008; 2009). Os debates em questão são aqueles nos quais os autores relacionam as construções de posse predicativa com as construções locativas, defendendo que possessivos são na verdade locativos. Autores como Levinson (2011) e Araújo (2013) posicionam-se contra uma abordagem fortemente localista. No entanto, os teóricos que se debruçam sobre as línguas de sinais continuam seguindo os parâmetros tomados por aqueles que advogam que em todas as línguas do mundo as construções possessivas são basicamente locativas. Neste trabalho, os construtos de Ponto de Referência e Ciclo do Controle, da Gramática Cognitiva (GC), são tomados como uma melhor caracterização de possessivos, tanto em línguas faladas como em línguas sinalizadas, muito mais do que as construções locativas, que serão apontadas como um desvio em parâmetros tipológicos utilizados por autores de posicionamento formalista. Discute-se ainda a necessidade de tratar os possessivos e construções relacionadas em línguas de sinais sem um viés condicionado pelas análises de línguas orais, objetivo que a GC parece atingir mais adequadamente para as línguas de modalidade visuoespacial.

**Palavras-chave:** posse predicativa, línguas orais, línguas de sinais, gramática cognitiva

## Sociolinguística em LIBRAS: desenvolvendo material didático

Autores: Ebersson Sarmiento <sup>1</sup>, Roberto de Freitas Jr. <sup>1</sup>, Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** O presente trabalho está inserido em um programa de Pesquisa e Extensão chamado "Pontes linguísticas: um caminho possível". Este programa pretende desenvolver cursos para professores, tradução de textos importantes na área de linguística e desenvolvimento de material didático, bem como pesquisa básica sobre a língua brasileira de sinais (LIBRAS). Este trabalho está alocado no braço do projeto que tem como objetivo desenvolver material didático sobre linguística em LIBRAS. O nosso objetivo inicial foi construir um vídeo didático sobre sociolinguística com exemplos dos diferentes tipos de variação. Para tal, nos deparamos com a necessidade de estudar a literatura sobre sociolinguística em línguas de sinais, para apresentar exemplos relevantes para a comunidade surda e não apenas repetir os exemplos dos manuais. O objetivo deste trabalho então é apresentar a literatura na área de sociolinguística e línguas de sinais ressaltando a riqueza observada nos estudos sobre essas línguas naturais para o desenvolvimento de um vídeo didático para ser utilizado em um curso Letras-Libras. Analisamos publicações específicas da área para encontrar os trabalhos que se dedicam a variação motivada socialmente. CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141-155. KENEDY, Eduardo. Psicolinguística na Descrição Gramatical. In: MAIA,

Marcos (org.). Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015. WITKOWSKI, Rejane. A sociolinguística e suas principais correntes de estudo. Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI, 2013.

**Palavras-chave:** Libras, sociolinguística, material didático

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017.  
Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.